

DESCARTES, ÓCIO E OS FUNDAMENTOS DE UMA CIÊNCIA ADMIRÁVEL**Recebido em:** 27/11/2008**Aceito em:** 15/05/2009*Quéfren Weld Cardozo Nogueira*¹Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Aracajú – SE – Brasil

RESUMO: O presente trabalho é uma análise das considerações feitas pelo filósofo francês René Descartes (1596-1650) sobre o ócio e o lazer. A partir de investigações de trechos de sua obra, é debatido como tais elementos estão presentes na formulação de sua idéias sobre o método científico. Enfim, são feitas considerações sobre o lazer e a ciência na sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Ciência. Descartes, René, 1596-1650. Filosofia

DESCARTES, LEISURE AND THE FOUNDATIONS OF AN ADMIRABLE SCIENCE

ABSTRACT: O present paper is an discussion about ocio and leisure made by french philosopher René Descartes (1598-1650). By investigations from his writings, it's discussed how these elements is presented in his ideas about scientific method. Then, it's made some considerations about leisure in actual society.

KEYWORD: Leisure. Science. Descartes, René, 1596-1650. Philosphy.

1. INTRODUÇÃO

O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer coisa não costumam desejar tê-lo mais do que tem. E não é verossímil que todos se enganem a tal respeito; mais isso antes testemunha que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não

¹ Mestre em Educação (UFU).

considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto quanto das maiores virtudes, e os que empenham muito lentamente podem avançar muito mais, se seguirem sempre o caminho reto, do que aqueles que correm o risco e dele se distanciam.

Descartes

Discussões sobre os sentidos do lazer têm nos tornado sensíveis para o caráter histórico dos modos como a civilização ocidental se relaciona com o trabalho, o tempo, o descanso e a diversão. Se já se tornou famoso o relato bíblico sobre a criação do mundo, quando Deus abençoa e consagra o sétimo dia para o descanso, também são exemplares as palavras do profeta Jeremias (Jr) quando nos diz:

[...] evitai carregar – pois disso depende vossa vida – fardos no dia de sábado, fazendo-os atravessar as portas de Jerusalém. Absteve-se de vos transportar fardo algum, mas santificai o dia de sábado. Não vos entregueis a trabalho algum, mas santificai o dia de sábado, como ordenei a vossos pais².

O entendimento do lazer como uma construção histórica nos remete para análises sobre o ócio, não sendo possível eleger um sentido único para ambas às práticas (ócio e lazer), mas afirmá-los como manifestações históricas constituídas nas relações entre trabalho, tempo livre, diversão, repouso e descanso. Assim, aspectos históricos, políticos e sociais permitem Werneck (2000) elencar momentos distintos do lazer como privilégio de classe, fruto da moral cristã, baluarte do capitalismo e produto mercadológico. Ao mesmo tempo, Marcassa (2004) interpreta os sentidos do ócio de acordo com a sua inserção social: o ócio sustentado pelo trabalho escravo, representativo de uma sociedade obediente e mercenária, recreação, como modo de ostentação do tempo livre, como perigo para a purificação da alma, sinônimo de preguiça, forma de controle social, libertinagem, dentre outros aspectos.

² Jr 17, 21-22.

Partindo da premissa do caráter histórico e social do lazer, recorro neste trabalho às considerações sobre o ócio feitas por René Descartes (1596-1650), reconhecido como um dos percussores da ciência moderna. As intenções do filósofo francês em construir um conhecimento de bases seguras estão, ao mesmo tempo, perpassadas pela preocupação provocadas pelo impedimento do lazer para que tais bases sejam edificadas. Uma leitura particular preocupado menos com a categorização de idéias e mais com as considerações sobre o ócio em seus textos. Partindo dessa premissa será possível ao final do texto refletir sobre questões relacionadas com o lazer nos dias de hoje.

É preciso, todavia, fazer uma advertência: lazer e ócio são fenômenos distintos e, portanto, devem ser analisados de acordo com suas particularidades. Nesse sentido, compreender o ócio em Descartes significa denotar uma especificidade e compreender como o lazer, “[...] assim como qualquer outro aspecto da realidade social, deve obrigatoriamente ser entendido como algo que se realiza no processo histórico, síntese a cada momento de relações econômicas, políticas sociais e culturais” (MASCARENHAS, 2006, p. 90).

2. O SONHO DE DESCARTES

A sociedade européia do século XVII é marcada por abalos nas dimensões política, religiosa, científica e cultural, colocando em ruínas o mundo medieval por movimentos como o Renascimento e a Reforma Protestante. Como consequência, idéias docilmente aceitas passam a ser questionadas em busca de um novo itinerário que conduzisse a certezas científicas e universais. Nesse contexto, encontra-se o filósofo francês René Descartes buscando em seus trabalhos “unificar todos os conhecimentos

humanos a partir de bases seguras, construindo um edifício plenamente iluminado pela verdade e, por isso mesmo, todo feito de certezas racionais” (PESSANHA, 1996, p. 05).

Nesse contexto, Rubano; Moroz (2004) afirma que usar bem a razão significava encontrar um método para buscar verdades que possibilitassem ao ser humano o controle da natureza. Em Descartes, afirma Wagner (2004), são apresentadas os preceitos de um racionalismo que conduziu a ciência moderna a uma representação matematizada do mundo. A filosofia moderna e a concepção do sujeito como centro do conhecimento possuem no filósofo francês uma figura primordial, pois na frase mais conhecida *cogito ergo sun*, isto é, ‘penso, logo existo’, afirma Habermas (2002), estão uma das bases do sujeito reflexivo capaz de utilizar as capacidades racionais de entendimento.

Descartes esteve preocupado com o cultivo da razão como forma de produção de um caminho reto, pautado em fundamentos firmes e constantes, capazes de produzir um conhecimento claro e seguro; uma tentativa de distinguir a verdade da falsidade, garantindo assim segurança para as ações da vida. A partir de seus preceitos, apresenta Pessanha (1996, p. 05), Descartes “depois de um período febril e atividade intelectual, o dia transcorreria em meio a uma grande exaltação e entusiasmos: afinal parecia ter descoberto os fundamentos de uma ciência admirável”. Para o pensador francês,

Tão logo adquiri algumas noções gerais relativas à física, e, começando a comprová-las em diversas dificuldades particulares, notei até onde podiam conduzir, e o quanto diferem dos princípios que foram utilizados até o presente, julguei que não podia mantê-las ocultas sem pecar grandemente contra a lei que nos obriga a procurar, no que depende de nós, o bem geral de todos os homens. Pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em vez dessa Filosofia especulativa, pela qual, conhecendo a força e as ações do jogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-lo da mesma maneira em todos os usos para os

quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza³.

Conhecer os mistérios da natureza significa apreender suas leis e regularidades, estando tal objetivo no cerne dos propósitos da ciência moderna: conhecer a natureza para dominá-la e tirar dela proveitos para a vida humana. Os benefícios principais estariam, afirma Descartes, não apenas na invenção de uma infinidade de instrumentos para usufruir os bens da terra, mas acima de tudo para a conservação da saúde - “[...] que é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida”⁴. O único caminho para tanto está no bom uso da razão para que se chegar a conhecimentos sobre a natureza com suas forças e leis.

Na busca por um caminho que conduzisse a certezas indubitáveis, Descartes acredita ter encontrado o método correto para as ciências, chegando, explica Pessanha (1996), a quatro preceitos: (1) preceito da evidência – só é verdade o que é evidente, o que possui clareza e precisão; (2) preceito da análise – dividir as dificuldades em quantas parcelas forem necessárias; (3) preceito da síntese – ordenar os pensamentos do mais simples ao mais complexo; (4) preceito da enumeração – especificar com números para ter certeza de nada foi omitido.

Na trajetória de estudos de Descartes, as línguas auxiliaram no entendimento dos livros antigos, as ações memoráveis da história formaram o espírito empreendedor, as poesias eram delicadas e encantadoras, a matemática contribuiu para o trabalho dos homens, a teologia ensinou a ganhar o céu, as viagens permitiram o conhecimento de outros povos e de seus costumes. Todavia, todo este conhecimento de pouco serviu para orientar o caminho seguro para as leis da vida, sendo necessário refazer os fundamentos do tudo o que se conhece para estabelecer algo realmente firme e constante nas ciências.

³ DESCARTES, 1996, p. 116.

⁴ DESCARTES, 1996, p. 116.

Como existiu em Descartes um ar de desconfiança para com os conhecimentos até então aprendidos, o primeiro passo em busca da verdade está em colocar em dúvida tudo que aquilo que até então se conhece como absolutamente verdadeiro, desfazendo-se de opiniões tidas como certas. Concebendo que todos os pensamentos que temos quando estamos acordados, também o temos quando dormimos, e que todas as coisas que ocorrem no espírito são tão verdadeiras quanto as que ocorrem nos sonhos, é preciso colocar em questão ao que até então se dava crédito. Trata-se da ‘dúvida metódica’ ou da ‘dúvida rigorosa’ como umas das bases do método científico moderno.

De muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões, que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis, como já foi dito acima; mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse gear a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito que fosse inteiramente indubitável⁵.

Mas, como “conhecer é perfeição maior do que duvidar⁶”, para concebermos algo como verdadeiro é necessário que as coisas se apresentem de maneira clara e distinta, e o que Descartes percebe claramente é a premissa primeira de sua filosofia, isto é, ‘penso, logo existo’. Um ser pensante é aquele “que duvida, que afirma, que nega, que conhece poucas coisas, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer, e não quer, que também imagina e que sente⁷” e, se não houver motivo para pensar, também não haveria para existir. Sendo todas as coisas claras e distintas verdadeiras, a dificuldade está em notar o que percebemos distintamente. Aqui temos como guia a razão, sendo que nossos juízos seriam tão puros e sólidos se tivéssemos sido desde crianças guiados pelo pensamento racional. A verdade não está na razão, mas no seu

⁵ DESCARTES, 1996, p. 91.

⁶ *Ibid.*, p. 93.

⁷ *Ibid.*, p. 77.

bom uso, na capacidade que essa possui que conduzir e guiar caminhos para conhecimentos sólidos.

Em Descartes nossos pensamentos são frutos das ações ou das paixões da alma. Enquanto os primeiros partem exclusivamente da alma e da vontade, parecendo depender somente dela, o segundo provém de toda espécie de percepções ou conhecimentos que se apresentam não como eles de fato são, mas como são representados. As percepções provenientes da alma não são chamadas de paixões porque nelas há algo nobre e, quando a alma se dedica a representar, as percepções dependem exclusivamente da vontade de percebê-las. Porém, há percepções ou sentimentos que não dependem das ações da alma – tratam-se das paixões⁸. Para Descartes, aqueles que são mais atingidos pelas paixões são também os que são mais capazes de conhecê-las, mas, como se trata de percepções provenientes da aliança entre corpo e espírito, tornam-se confusas e obscuras.

Depois, também considero que não notamos que haja algum sujeito que atue mais imediatamente contra nossa alma do que o corpo a qual está unida, e que, por conseguinte, devemos pensar que aquilo que nela é uma paixão é comumente nele uma ação; de modo que não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções existentes entre nós⁹.

A alma possui poder sobre as paixões somente quando somos capazes de considerar as razões, os objetivos e os perigos daquilo que o corpo incita a realizar. Todavia, as emoções muitas vezes impedem a alma estancar rapidamente as paixões e o máximo que podemos fazer é reter os efeitos das emoções nas ações da vontade. “Por

⁸ DESCARTES lista uma quantidade de paixões da alma: admiração, estima, desprezo, generosidade, orgulho, humildade e baixeza, veneração e desdém, amor e ódio, desejo, esperança, temor, ciúme, segurança e desespero, irresolução, coragem, ousadia, emulação, covardia e pavor, remorso, alegria e tristeza, zombaria, inveja, piedade, satisfação de si mesmo e arrependimento, favor e reconhecimento, indignação e cólera, glória e vergonha, fastio e pesar, agrado e horror, afeição, amizade e devoção.

⁹ DESCARTES, 1996, p. 134.

exemplo, se a cólera faz levantar a mão para bater, a vontade pode comumente retê-la; se o medo incita as pessoas a fugir, a vontade pode detê-las, assim por diante.¹⁰”

Há um combate entre os apetites naturais e a vontade, ou entre a parte inferior da alma (sensitiva) e a parte superior (racional). Esse combate ocorre devido à incapacidade da vontade em excitar diretamente suas paixões, o que faz com que alma, quase ao mesmo tempo, quer uma coisa e depois a repele, deseja algo e não a deseja mais. Tal combate põe a alma num estado deplorável, pois se encontra em constante dilema acerca das paixões que não deseja obedecer.

Assim, quando o medo representa a morte como um extremo mal, que só pode ser levado pela fuga, se a ambição, de outro lado, representa a infâmia dessa fuga, como um mal pior que a morte, essas duas paixões agitam diversamente a vontade que, obedecendo ora a uma, ora a outra, se opõe continuamente a si própria, e assim torna a alma escrava e infeliz¹¹.

Para não se sucumbir aos desígnios das paixões, a alma deve utilizar armas próprias como o juízo e o conhecimento do bem e do mal. As almas são mais fracas ou mais fortes de acordo com a sua capacidade de seguir esses juízos, que só são obtidos e apoiados pelo conhecimento da verdade, pelo hábito adquirido de pensar sobre os significados da agitação do espírito causado pelas paixões.

Não caberia nesta afirmação a concepção de um corpo capaz de conduzir a um conhecimento verdadeiro. Os sentidos nos fornece idéias como a fome, a sede, a alegria, o prazer e a dor. Num primeiro momento, tais sensações são vivas e distintas, chegando a ponto de acreditar que não há nenhuma idéia no espírito que não provém dos sentidos. Mas, nesse conhecimento existe algo que tira deles todo o seu crédito: a torres que de longe se afiguram como redondas são quadradas, membros amputados ainda causam

¹⁰ DESCARTES, 1996, p. 158.

¹¹ *Ibid.*, p. 161.

dor, o que se sente acordado também se sente dormindo. Portanto, o conhecimento que provém dos sentidos são confusos e obscuros, e não claros e distintos, isto é, não são verdadeiros.

E, portanto, pelo próprio fato de que conheço com certeza que existo, e que, no entanto, noto que não pertence necessariamente nenhuma outra coisa à minha natureza ou à minha essência, a não ser que sou uma coisa que pensa, concludo efetivamente que minha essência consiste somente em que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda a essência ou natureza consiste apenas em pensar. E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho um idéia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma idéia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele¹².

Um Deus bondoso não poderia nos fornecer uma realidade corpórea para nos enganar, mas sim a capacidade de entendimento para chegarmos à verdade. Não é possível chegar a idéias verdadeiras sem a existência de Deus, pois Nele todas as coisas são claras e distintas, e não confusas e imperfeitas. As idéias verdadeiras só podem assim ser porque vêm de Deus e tudo que concebemos como claro e distinto foi colocada em nós por este Ser perfeito. O que existe de confuso e obscuro não provém de Deus, mas de nós que somos seres imperfeitos. Deus é a causa da verdade e do conhecimento indubitável, pois “[...] não somente que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, isto é, o que contém em si mais realidade, não poder ser uma decorrência e uma dependência do menos perfeito¹³”.

Reconhecendo que “todas as nossas idéias ou noções devem ter algum fundamento de verdade; pois não seria possível que Deus, que é todo perfeito e verídico,

¹² DESCARTES, 1996, p. 326.

¹³ *Ibid.*, p. 284.

as houvesse posto em nós sem isso¹⁴”, a bondade de Deus nos proveu da capacidade de entendimento, em que o conhecimento da imaginação e dos sentidos não pode nos assegurar coisa alguma sem o entendimento provindo da razão. A existência de Deus é tão certa quanto as demonstrações feitas pela Geometria, pois assim como o que vem de Deus é claro e distinto, também são os quatros lados de um quadrado, ou os três de um triângulo, estejamos nós em vigília ou acordados. Há na Geometria algo que não deixa suspeita ou falsidade, pois essa é possuidora de certezas indubitáveis, de verdades claras e distintas.

Quis procurar, depois disso, e tendo me propondo o objetivo dos geômetras, que eu concebia como um corpo contínuo, ou um espaço infinitamente extenso em comprimento, largura, altura ou profundidade, divisível em diversas partes que podiam ter figuras e grandezas, e ser movidas ou transpostas de todas as maneiras, pois os geômetras supõem tudo isso em seu objeto. E, tendo notado que essa grandeza, que todo o mundo lhes atribui, se funda apenas no fato de serem concebidas com evidência, segundo a regra que há pouco expressei, notei também que nada havia nela que me assegurasse a existência desse objeto. Pois, por exemplo, eu via muito bem que, supondo um triângulo, cumpria que seus três ângulos fossem iguais a dois retos; mas apesar disso, nada via que garantisse haver no mundo qualquer triângulo. Ao passo que, voltando a examinar a idéia que tinha de um Ser perfeito, verificava que a existência estava aí inclusa, da mesma forma como na de um triângulo está incluso serem seus três triângulos iguais a dois retos, ou na esfera serem todas as suas partes igualmente distantes do seu centro, ou mesmo, ainda mais evidentemente; e que, por conseguinte, é pelo menos tão certo que Deus, que é esse Ser perfeito é, ou existe, quando sê-lo qualquer demonstração de Geometria¹⁵.

Descartes possuía a confiança de que seria possível chegar a um conhecimento verdadeiro de bases matemáticas que não deixasse dúvidas, brechas ou se baseasse em ilusões. Para tanto, assim como exposto acima, era necessário partir da dúvida metódica, do reconhecimento das idéias claras e distintas, da capacidade do pensar para o bom usufruto da razão, da impossibilidade do corpo em prover um conhecimento verdadeiro

¹⁴DESCARTES, 1996, p. 97.

¹⁵ *Ibid.*, p. 98.

e da existência de um Deus eterno, infinito, imutável, onisciente, onipotente e criador de todas as coisas. Assim,

E pelo fato de nossos raciocínios jamais serem tão evidentes nem tão completos durante o sono como durante a vigília, ainda que às vezes nossas imaginações sejam tanto ou mais vivas e expressas, ela (a razão) nos dita também que, não podendo nossos pensamentos serem inteiramente verdadeiros, porque não somos todo perfeitos, tudo o que eles encerram de verdade, deve encontrar-se infalivelmente naquele que temos quando acordados, mais do que em nossos sonhos¹⁶.

3. O ÓCIO DE DESCARTES

Nas discussões que Descartes executa sobre os caminhos para um conhecimento claro e distinto, o ócio é tema recorrente. Na construção dos argumentos para fomentar uma ciência com bases seguras aparecem alusões ao lazer, ao repouso e ao descanso como condições para a realização de seus trabalhos.

Todos os pensamentos e preceitos de Descartes com relação ao conhecimento, ao bom uso da razão, à existência de Deus, à Geometria como base de verdades indubitáveis, dentre outros, só foram possíveis pelo fato dele se entregar totalmente ao repouso e ao lazer dada às dificuldades das tarefas propostas. Uma das necessidades que Descartes possuía para se empreender na busca de uma ciência admirável era exatamente que seu lazer não fosse interrompido para não impedir a efetivação das suas metas de trabalho. Além disso, os benefícios provindos do conhecimento das leis e forças da natureza, ao invés de provocar trabalhos arduos e difíceis, devem permitir o desfrute dos benefícios do repouso e do lazer, sendo que um desses benefícios é poder entregar-se a trabalhos em busca do bem coletivo.

¹⁶ DESCARTES, 1996, p. 98.

Para Descartes encontrar a ciência que há de prover o bem para todos, foi necessário superar como em batalhas algumas dificuldades, sendo que muitas outras ainda existem a serem vencidas. Como se trata de um trabalho árduo, Descartes não se enxerga capaz de enfrentar tantos outros desafios devido à falta de tempo e lazer para empreitada. O pensador francês escolhe então empregar o seu lazer naquilo que se ele conhece bem, ou seja, os fundamentos de uma filosofia capaz de construir o caminho seguro para as ciências.

Não temerei mesmo dizer que penso ganhar apenas duas ou três semelhantes para levar inteiramente a cabo os meus desígnios; e que minha idade não é tão avançada que, segundo o curso ordinário da natureza, não possa dispor de lazer suficiente para tal efeito. Mas creio estar tanto mais obrigado a poupar tempo que me restar quanto maior a esperança de poder empregá-lo bem; e teria sem dúvida, muitas ocasiões de perdê-lo, se publicasse os fundamentos de minha Física¹⁷.

O método proposto por Descartes é útil para bem conduzir a razão em busca de idéias claras e distintas e de conhecimentos com bases sólidas. Com o intuito de descobrir as coisas superiores e úteis para o bem coletivo, há o convite para os ‘bons espíritos’ se inclinarem, cada qual com seu esforço, poder e dedicação, na tarefa de se ajuntar a trabalhos precedentes. Mas, não podemos dizer que todas as pessoas são capazes de tal feito, pois, dada a dificuldade dessa tarefa, o que vemos são trabalhos bastante supérfluos, ou mesmo falsos e mal explicados, sendo bastante penoso encontrar a verdade neles. Para aqueles que desejam grandes feitos uma ajuda seria, além do custeio de gastos, impedir que momentos de lazer fossem interrompidos dada à importância de dar continuidade aos trabalhos.

[...] se existisse no mundo alguém, de quem se soubesse que seria seguramente capaz de encontrar as maiores coisas e as mais úteis

¹⁷ DESCARTES, 1996, p. 120.

possíveis ao público, e a quem, por essa causa, os demais homens se esforçassem, por todos os meios, em auxiliar na realização desses desígnios, não vejo que pudessem fazer mais além de custear os gastos nas experiências de que necessitasse e, de resto, impedir que seu lazer lhe fosse arrebatado pela importunidade de pessoa alguma¹⁸.

Descartes acredita que seus estudos não o tornará notável na vida, fato que não deseja sê-lo, pois o que ele mais preza é o seu repouso. Relata também a relutância em divulgar seus trabalhos, dado que, tendo encontrado o método para bem conduzir a razão, receava que a glória em excesso perturbasse o repouso do espírito que tanto procurava. O trabalho de encontrar o caminho seguro para a ciência, e a própria ciência para prover o bem comum dos homens não deve impedir que o lazer seja arrebatado, mas permitir pleno usufruto.

Pois, embora não ame a glória em excesso, ou mesmo, se ousou dizê-lo, a deteste, na medida em que a julgo contrária ao repouso, que estimo acima de todas as coisas, todavia, nunca procurei esconder minhas ações como crimes, nem usei muitas preocupações para ficar desconhecido; tanto por crer que isso me fará mal, como por saber que me daria uma espécie de inquietação, que seria mais uma vez contrária ao perfeito repouso de espírito que procuro¹⁹.

A tarefa de encontrar o método seguro para a ciência requer esforço, e as coisas já aprendidas são poucas quando comparadas com as que existem para serem descobertas. Como a fama conseguida por suas idéias seria uma espécie de inquietação totalmente contrária ao perfeito repouso do espírito, Descartes procura o desfrute sem impedimentos do seu lazer, particularmente pelo pouco tempo que lhe resta para adquirir o conhecimento seguro da natureza.

Além disso, não quero falar aqui, em particular, dos progressos que no futuro espero fazer nas ciências, nem me comprometer em relação ao público com qualquer promessa que não tenha a certeza de cumprir:

¹⁸ DESCARTES, 1996, p. 124.

¹⁹ *Ibid.*, p. 124.

mas direi unicamente que resolvi não empregar o tempo de vida que me resta em outra coisa exceto procurar adquirir algum conhecimento seguro da natureza, que seja de tal ordem que dele se possam tirar regras para a Medicina, mais seguras do de qualquer espécie de outros desígnios, principalmente dos que não poderiam ser úteis a uns sem prejudicar a outros, que, se algumas circunstâncias me compelissem a dedicar-me a eles, não creio que fosse capaz de lograr tal êxito. Pelo que, faço aqui uma declaração que, sei muito bem, não poderá servir para me tornar notável no mundo, mas tampouco tenho qualquer desejo de sê-lo; e ficarei sempre mais obrigado àqueles graças as quais desfrutarei sem impedimento do meu lazer, do que o seria aos que me oferecessem os mais honrosos empregos da terra²⁰.

Sabe-se que, do ponto de vista cartesiano, para se conhecer a verdade ou para estabelecer algo de correto e seguro nas ciências, é necessário se desfazer de todas as opiniões que até então se dava crédito. Descartes se dedica à empreitada de destruir todas as opiniões antigas justamente quando está com “[...] o espírito livre de todos os cuidados e quando se encontra em um repouso assegurado numa pacífica solidão²¹”. Descartes faz o exercício de colocar em dúvida até mesmo a existência de um verdadeiro Deus, considerando-O um ser maligno e ardiloso que se esforçou em produzir enganos e falsidades. Da mesma forma, o filósofo francês faz o exercício de crer que os céus, a terra, o ar, as cores, as figuras e os sons são todas ilusões e enganos utilizadas por Ele para surpreender sua credulidade. Todavia, duvidar da existência de Deus é tomar a dúvida levianamente, além de ser um trabalho árduo e desnecessário. Duvidar de Deus significa utilizar o tempo em coisas inúteis, em algo que conseqüentemente tomará o tempo do lazer em coisas supérfluas.

Mas, esse desígnio é árduo e trabalhoso e certa preguiça arrasta-me insensivelmente para o ritmo de minha vida ordinária. E assim como um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim eu reincido insensivelmente por mim mesmo em minhas antigas opiniões e evito despertar dessa sonolência, de medo de que as vigílias laboriosas que se sucederem à

²⁰ DESCARTES, 1996, p. 127.

²¹ *Ibid.*, p. 257).

tranqüilidade de tal repouso, em vez de me propiciarem alguma luz ou alguma clareza no conhecimento da verdade, não fossem suficientes para esclarecer as trevas das dificuldades que acabam de ser agitadas²².

Outro elemento que Descartes reconhece não ser necessário tamanha atenção é a afirmação que o ser humano é um animal racional, pois, para investigar tal preceito, energias seriam gastas na análise em coisas inúteis. Como consequência, se nos empreendêssemos em tal empreitada, “cairíamos insensivelmente numa infinidade de outras mais difíceis e embaraçosas, e eu não quereria abusar do pouco tempo que me resta empregando-o em deslindar semelhantes sutilezas²³”. Com isso, Descartes é contra ao que pode ser denominado de o ‘desperdício do lazer’: devemos empenhar nosso lazer em algo proveitoso, que merece ser investigado com atenção, e não em coisas supérfluas que desviam o bom uso da razão na busca pelo conhecimento verdadeiro.

Sabe-se também da já famosa dicotomia corpo/mente em Descartes. Para o filósofo francês ambos estavam tão conjugados a ponto de impedir o conhecimento da verdade. Por isso, a necessidade de realizar a divisão essencial entre corpo (*res extensa*, divisível) e alma (*res cogita*, indivisível). Os sentidos oferecem muitas formas de conhecimento, mas a fome, a dor, a tristeza ou o prazer estão mais ligados a hábitos naturalmente aprendidos do que a verdade conseguida pelo bom uso da razão. Como o conhecimento provindo do corpo é falso e obscuro, a negação de Descartes sobre a existência de um corpo condiz com o interesse em examinar somente as coisas cujas propriedades podem oferecer conhecimentos claros e seguros. O problema está no fato do corpo deter conhecimentos sem que tenhamos o lazer necessário para ponderar sobre eles. A ausência do lazer para considerar sobre o conhecimento oferecido pelo corpo

²² DESCARTES, 1996, p. 253.

²³ *Ibid.* p. 267.

não é formador de juízos, mas de pré-juízos, ao mesmo tempo, não de conceitos, mas de pré-conceitos.

E, da mesma maneira, parece que eu aprendera da natureza todas as outras coisas que eu julgava no tocante aos objetos dos sentidos; porque eu notava que os juízos, que eu acostumava a formular a respeito desses objetos, formavam-se em mim antes que eu tivesse o lazer de pensar e considerar quaisquer razões que me pudessem obrigar a formulá-los²⁴.

Não valeria à pena indagar e investigar as possibilidades de conhecimentos providos dos sentidos, dado o desgaste inútil e a ausência de lazer que tal empreitada poderia gerar. Com isso,

[...] com a necessidade dos afazeres nos obriga amiúde a nos determinar antes que tenhamos tido o lazer de examiná-las tão cuidadosamente, é preciso confessar que a vida do homem está sujeita a falhar frequentemente nas coisas particulares; e, enfim, é preciso reconhecer a imperfeição e a franqueza de nossa natureza²⁵.

O lazer para Descartes no sentido de repouso e tranqüilidade é caminho para acalmar a agitação do espírito causada pelas paixões da alma. O espírito agitado não é capaz de descobrir o caminho seguro para ciências, apenas se entregar aos desígnios das paixões ligadas à falsidade provocada pela aliança do corpo com a mente. Quando da perturbação da alma, o que se pode fazer é lembrar que a alma pode ser enganada pela imaginação, que os objetos das paixões tendem a se tornar mais fortes e, no momento da agitação é preciso de tempo e repouso para que alma possa se acalmar.

Mas o que se pode fazer em tal ocasião, e que eu julgo poder apresentar aqui como o remédio mais geral e mais fácil de praticar contra todos os excessos das paixões, é, sempre que se sinta o sangue agitado, ficar advertido e lembra-se de que tudo quando se apresenta à imaginação tende a enganar a alma e a fazer com que as com que as

²⁴ DESCARTES, 1996, p. 324.

²⁵ *Ibid.*, p. 337.

razões empregas em persuadir o objeto de sua paixão lhe pareçam muito mais fortes do que são, e as que servem para dissuadir muito mais fracas. E quando a paixão persuade apenas de coisas cuja execução sofre alguma delonga, cumpre abster-se de pronunciar na hora qualquer julgamento e distrair-se com os outros pensamentos até que o tempo e o repouso tenham apaziguado inteiramente a emoção que se acha no sangue²⁶.

4. CONSIDERAÇÕES

Seria imperioso indagar sobre a necessidade de ler e discutir Descartes num momento em que frases feitas já se espalharam e afirmá-lo como pai da filosofia moderna, racionalista ou acusá-lo da separação sujeito/objeto tornou-se lugar comum. O fato é que ler Descartes não se trata de encontrar frases feitas, mas, assim como coloca Granger (1996), levar em conta o encadeamento de suas razões e acompanhar os seus passos. É preciso reconhecer como esse pensador esteve afinado com os acontecimentos de seu tempo, com as preocupações presentes no século XVII, principalmente com as incertezas nas esferas política, religiosa e do conhecimento.

Quando decidi ler Descartes, a intenção não era produzir um trabalho com o objetivo de compreender o papel do ócio nas suas idéias; porém, ao me deparar com diversas passagens e citações que faziam alusões ao lazer, ao repouso e à tranqüilidade percebi a centralidade desses elementos no pensamento do filósofo francês.

A possibilidade de cruzar num mesmo texto questões sobre ócio e lazer baseia-se na premissa apontada por Mascarenhas (2006) em que ao olhar para o lazer, não é possível deixar de ver nele o ócio refletido. Como fruto de um processo histórico, o lazer é perpassado por momentos tanto de rupturas como de continuidades que dialoga com o ócio como uma prática que foi “[...] adquirindo novos contornos e diferentes

²⁶ DESCARTES, 1996, p. 240.

sentidos, conservando antigas significações e abandonando outras, até ter sua configuração radicalmente transformada, desdobrando-se no lazer” (p. 93).

Mesmo sendo o lazer uma prática distinta do ócio, a maneira como esse último se apresenta em Descartes abre espaços para compreender as incidências dos sentidos de ambos nos dias de hoje. O ócio cartesiano se distancia da noção *skolé*²⁷, ou seja, da associação com um estilo de vida contemplativo em que o desenvolvimento físico e intelectual possui um fim em si mesmo. A necessidade do ócio em Descartes não está de acordo com a concepção de um não trabalho, pelo contrário, as tarefas propostas pelo autor de ‘O discurso do método’ só podem ser realizados se houver o lazer, o tempo, o repouso, a tranquilidade e o descanso para tanto. Apesar de tal conotação possuir um traço contemplativo, assim como presente na *skolé*, há certa distância, pois em Descartes há o empenho nas tarefas postas pela necessidade de uma reflexão filosófica radical.

Por outro lado, a ligação entre trabalho e lazer presentes em Descartes poderia nos levar a uma exaltação do ócio ou a concepção do ócio como vetor do trabalho criativo. Mascarenhas (2006) aponta que esse tipo de ócio está ligado com a capacidade criativa dos trabalhadores na produção de idéias e de bens imateriais. O ócio criativo, nesse contexto, está de acordo com uma ocupação prazerosa do tempo livre e do trabalho mental leve, cujas bases estão também no modo de organização do trabalho material, operando, portanto, nas mesmas bases da exploração social.

Num primeiro momento, poderíamos imaginar que essa também tenha sido a idéia de Descartes, particularmente na necessidade do lazer para descobrir idéias úteis. Todavia, o filósofo francês é fugaz em afirmar que a necessidade de ócio está de acordo com as dificuldades a serem enfrentadas na descoberta do caminho seguro para as

²⁷ Cf. MASCARENHAS, 2006.

ciências, e não um trabalho mental leve e contemplativo. Descartes se posicionaria contrário ao ócio criativo quando o lazer cartesiano é necessário para que as verdades das coisas sejam examinadas por todos os sentidos, toda a memória e todo o entendimento, e para que todas as conquistas no campo da ciência sejam empregadas não para a busca da fama e do sucesso, nem para o ser humano se envolver em obras laboriosas e inúteis, mas sim para gerar condições para que o próprio lazer seja desfrutado sem impedimentos.

Descartes é singular em reconhecer as dificuldades da tarefa de promover o bem coletivo, e um dos motivos para tanto é a ausência do ócio necessário para que tal empreitada se efetive. A construção dos fundamentos de um caminho seguro para a ciência só podem se realizar quando o espírito se encontra em total repouso e tranqüilidade. Dada a centralidade no pensamento e no bom uso da razão como uma atividade intelectual em busca da verdade, o total repouso e tranqüilidade estão de acordo com as condições do espírito capaz de executar suas tarefas, ou melhor, que esteja livre das agitações causadas pelas 'paixões da alma'. Uma das principais conseqüências da falta de lazer é a impossibilidade de apaziguar uma alma agitada, entregando-se, portanto, à falsidade e à ilusão provocadas pelo conhecimento provindo da aliança entre corpo e mente.

O lazer em Descartes está próximo da conotação de 'ter tempo para' ou 'ter repousado suficiente para' superar batalhas, chegar ao conhecimento verdadeiro e aquietar o espírito agitado pelas paixões da alma. Por causa disso, há uma grande preocupação no filósofo francês com o impedimento de seu lazer o qual é, ao mesmo tempo, o impedimento de sua tranqüilidade para se dedicar aos desígnios aos quais se propôs. Nesse contexto, há um receio que a glória de suas realizações atrapalhe seu repouso e lazer.

O ócio em Descartes se distancia do sentido de uma experiência contemplativa de pura criação e de prazer estético desprendida da utilizada prática²⁸ para se aproximar do sentido de repouso do espírito, do descanso e da tranqüilidade como indispensáveis para produzir conhecimentos seguros e capazes de promover o bem coletivo. Por esse motivo, o ócio cartesiano não é algo desinteressado, mas altamente comprometido com o bem de todos.

Como a modernidade é marcada pela separação rígida entre trabalho e lazer, numa concepção cartesiana, os ‘desvios da razão’ são fruto da busca incessante pelo trabalho produtivo, da glória, e menos em função da tranqüilidade, do repouso e até mesmo da solidão. Por esse motivo, no ócio de Descartes encontram-se elementos de crítica aos sentidos do lazer na sociedade dos dias atuais.

Sabe-se que uma visão matematizada do mundo, que possui uma de suas bases o próprio pensamento cartesiano, é consolidada atualmente em procedimentos que conhecemos como científicos, estabelecendo uma relação entre progresso e barbárie que está no cerne de tudo aquilo visto como conquistas da humanidade (VAZ, 1999). A natureza a ser conhecida é a mesma a ser explorada; o corpo humano a ser estudado é o mesmo a ser controlado. Na visão matematizada do mundo, afirma Horkheimer (1991), a possibilidade de previsão e cálculo destitui o saber de sua inserção social e elimina e/ou simplifica as contradições e conflitos sociais. O que temos é o projeto iluminista de emancipação sendo gradativamente representado pela regulação, minando as possibilidades emancipatórias de qualquer tipo racionalidade, ou como diria Descartes, de promover o bem geral para todos.

²⁸ Definição de ócio feita por MASCARENHAS, 2006.

Parece-me que o cerne dessa discussão para os dias de hoje está em compreender os processos pelo quais o bem coletivo não se efetiva; um desses processos se relaciona exatamente com questões relacionadas com o ócio e o lazer.

No mundo atual, o ócio toma o sentido de preguiça numa conotação quase criminal ligada à vagabundagem e libertinagem (MARCASSA, 2004). A substituição do ócio por uma prática mais adequada aos tempos de consumo fácil e banal aparece no contexto da sociedade capitalista como uma prática mercantil, metódica, rígida, econômica e contabilizada. O ócio, afirma Mascarenhas (2006), se constitui como hostil ao capital para se configurar como lazer o qual se alinha às necessidades ideológicas e econômicas para a produção e reprodução do capital.

Ao contrário, quando tomamos como referência a proposta de Descartes de construir um método capaz de prover o bem geral para todos, reconhecemos que o bom uso da razão só ocorre quando o ócio e o lazer se tornam uma oportunidade para as pessoas produzirem conhecimentos, formas de comunicação, valores, relações sociais e práticas culturais com conteúdos como a festa, o jogo, as artes, o esporte, a música, etc. Nesse contexto, parece-me que ainda há espaços para a produção de uma ciência afinada com e para interesses coletivos, e que efetivamente se torne admirável. Sendo assim,

[...] por mais afastados que possamos estar na história de sua concreta e dominante experiência, o ócio continua a exercer a função de um tempo e espaço que o homem possa reconciliar-se consigo e com a natureza, entregando-se, integralmente ao desenvolvimento multilateral de suas capacidades físicas e intelectuais (MASCARENHAS, 2006, p. 98).

Não é uma tarefa de forma alguma fácil e simples, e sem ócio de Descartes parece impossível. Apesar de ainda haver uma confiança na razão e na ciência de prover o bem comum, como também do lazer como direito e produção cultural, a pergunta feita

por Nietzsche ainda é singular quando se busca um lazer capaz de fomentar conhecimentos para o bem da humanidade:

E supondo que todos estes trabalhos fossem realizados, ver-se-ia chegar, então ao primeiro plano a questão mais espinhosa: estará a ciência em condições de indicar os objetivos da vida ao homem depois de ter provado que os pode destruir?²⁹.

5. REFERÊNCIAS

DESCARTES. **Descartes**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996. 431P. (Os Pensadores).

GRANGER, G.G. Introdução. In: _____. **Descartes**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HORKHEIMER, Marx. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: HORKHEIMER, Marx; ADORNO, Theodor. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores, 16).

MARCASSA, L. Ócio. In: GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 240.

MASCARENHAS, F. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórico à sombra do lazer. In: PADILHA, V. (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 75-103.

NIETZSCHE. F. W. **A gaia ciência**. São Paulo: Martins Claret, 2003. 255 p.

PESSANHA, J. A. M. Descartes - Vida e obra. In: _____. **Descartes**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996, p. 05-22. (Os Pensadores).

RUBANO; D. R.; MOROZ, M. A dúvida como recurso e a geometria como modelo: René Descartes. In: ANDERY, M. A. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2004, p. 201-210.

VAZ, A.F. Do culto a performance: esporte, corpo e rendimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 1, p.100-107, 1999.

WAGNER, P. Sobre guerras e revoluções. In: SANTOS, B. de S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 103-122.

²⁹ NIETZSCHE, 2003, p. 42.

WERNECK, C. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG;CELAR-DEF/UFMG, 2000. 157 p.

Endereço do Autor:

Quéfren Weld Cardozo Nogueira
Rua Jornalisata Paulo Costa, nº 288, apt. 06
Bairro Atalaia
49037 – 340 - Aracaju - SE
Endereço Eletrônico: quefrenweld@yahoo.com.br